

## ■ ARTIGOS

# ■ As emoções do adolescente na interação com a internet

 Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo \*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as emoções de adolescentes presentes em discursos escritos através de textos em que narram suas relações quanto ao uso da internet. Trata-se de um estudo de caso e é parte da dissertação de mestrado intitulada *Adolescência, pobreza e inclusão digital: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual*, concluída em 2014. A Linguística Sistemico-Funcional (LSF) será a base teórico-metodológica principal da análise da interioridade dos discursos dos adolescentes, e se dará pela utilização de ferramentas dos sistemas de transitividade e da metafunção interpessoal. Os primeiros resultados sinalizam para uma mudança comportamental na interação adolescente x máquina/internet ligados ao vício e à metaforização da internet.

**Palavras-chave:** Adolescente. Interação. Internet.

---

\* Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo é graduada em Letras pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB/1995), especialista em Língua Portuguesa (CEUB/1998), em Educação a Distância (SENAC/2007) e em Tecnologias em Educação (PUC/RJ - 2013), mestre em Linguística (UnB/2014), doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do DF. Contato: [campelo.sandra@gmail.com](mailto:campelo.sandra@gmail.com).

## Introdução

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de mestrado que busca analisar as interações e identidades dos adolescentes na rede social Facebook. Através de textos produzidos em sala de aula, é possível perceber dados expressivos de uma relação entre o adolescente e a internet mais humana e menos tecnológica ou virtual. Buscamos, de modo específico, identificar tais relações e traçar um perfil identitário desses jovens na sociedade atual. Valemo-nos, no âmbito deste estudo, da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1994).

O artigo encontra-se dividido em cinco seções: na primeira, apresentaremos o contexto da pesquisa; na segunda seção, faremos um sobrevoos sobre a Linguística Sistêmico-Funcional; na terceira seção, apresentaremos a Metafunção Ideacional - o sistema de transitividade; e, na quarta, a Metafunção Interpessoal a partir de Halliday (1994), e Halliday e Matthiessen (2004). Na quinta seção, serão apresentados alguns dados analisados de acordo com as teorias em questão e, por fim, faremos algumas considerações.

## 1. Contexto da pesquisa

A interação dos sujeitos nas redes sociais e as marcas de identidades presentes em seus discursos constituem temas que merecem um estudo minucioso, sobretudo pela necessidade de um tratamento atualizado concernente à construção de identidades dos jovens na internet. Estamos vivenciando uma era da informação que, segundo Castells (2013), vem impulsionada pelos grandes avanços tecnológicos, caracterizada pela aplicação dos conhecimentos e informações, gerando novos conhecimentos por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, num ciclo de realimentação cumulativo de uso e inovação. Mudam, na trilha das renovações tecnológicas, as formas de interagir com a internet e com o outro na *web*. E os jovens, pela própria natureza da busca incessante pelo novo, constituem a faixa social mais permeável a essas mudanças. Por isso, o foco desta pesquisa é adolescentes/estudantes/internautas, da faixa etária dos 13 a 16 anos, do 9º ano do ensino fundamental de duas escolas de Ceilândia, cidade da periferia de Brasília. A pobreza e a inclusão digital fizeram parte da pesquisa como elementos da composição da geração de *corpus*, uma vez que faço parte do grupo da Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítico sobre a Pobreza (REDLAD).

Para este artigo, serão utilizados alguns excertos coletados da produção de textos que os estudantes redigiram em sala de aula, com o tema: *Eu e a internet*. Essa atividade foi feita pelo professor de Língua Portuguesa

da turma que orientou os adolescentes a descreverem sua relação com a internet: o que gostam de fazer lá, o que não gostam, o tempo que passam na internet, o porquê de utilizarem, enfim, que contassem um pouco de suas rotinas.

## 2. Sobrevoos na Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. “A LSF é caracterizada como uma teoria social porque parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem”, como bem descrevem Bárbara e Macedo (2009). Segundo Gouveia (2009), a LSF é “uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso”.

Halliday desenvolveu a LSF na intenção de que se observe o sistema da língua e as suas funções em simultâneo, olhar para a língua de todos os possíveis modos. Segundo ele, o texto está inserido em dois contextos: de situação e de cultura. O contexto de situação se refere ao ambiente imediatamente ligado ao texto. Dependendo do contexto de situação em que o enunciado for usado, ele terá outras interpretações possíveis. O contexto de cultura se refere às práticas culturais dos países, dos povos e às práticas institucionalizadas em igrejas, escolas, comunidades, instituições. Esse contexto também está ligado à noção de propósito social. Bárbara e Macedo (2009, p. 95) consideram a LSF como “uma teoria que utiliza um método detalhado de análise de texto em contexto, que permite explicar, com um alto grau de objetividade, como os indivíduos usam a língua e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos para produzir significado”.

Halliday (1989, p. 12) descreve o contexto de situação em três variáveis: campo – que se refere à atividade e objetivo nos quais os participantes estão envolvidos; relações – que tratam dos participantes na situação, sejam eles falante/autor, ouvinte/leitor, participante no texto ou distância social; e modo – que se refere à função que a linguagem exerce e o veículo utilizado. Para cada contexto de situação observado por Halliday, foi estabelecida uma metafunção ao uso da língua. Observemos as relações estabelecidas no Quadro 1.

Quadro 1. Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem

Variáveis do contexto	Metafunções da linguagem
Campo	Ideacional
Relações	Interpessoal
Modo	Textual

Fonte: Recortado de Fuzer e Cabral (2010, p. 21)

Fuzer e Cabral (2010) destacam que a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade e, por isso, cada componente corresponde a três tipos de coisas que estão relacionadas sistematicamente a um mesmo item gramatical. Nas seções seguintes, descreveremos cada uma das metafunções de Halliday para que o leitor possa compreender um pouco mais sobre a Linguística SistemicoFuncional, que será base de análise do *corpus* desse artigo.

### 3. Metafunção Ideacional

A Metafunção Ideacional entende que o texto é feito por escolhas através da gramática da experiência do autor. Nos processos verbais, nos participantes e nas circunstâncias (elementos da Metafunção Ideacional) estão as marcas da experiência do mundo do falante. A Metafunção Ideacional subdivide-se em dois componentes: o experiencial, que trata do conteúdo interno de uma oração, sua estrutura, a transitividade; e o lógico, que se refere à organização dos grupos verbais e nominais, dos complexos oracionais e da coesão textual.

Como este trabalho abordará as marcas da experiência do falante nos textos dos estudantes, detalharei um pouco mais o Sistema da Transitividade (ST). Os elementos que compõem tal sistema são os processos, os participantes e as circunstâncias. O núcleo do ST é o processo que é realizado por um verbo. Esses processos classificam-se em três tipos principais: material, mental e relacional; e mais três secundários: verbal, existencial e comportamental.

Os processos materiais se referem ao mundo físico do fazer; os mentais, ao mundo da consciência, do sentir; e os relacionais, ao mundo das relações abstratas, do ser. Os participantes recebem uma nomenclatura a depender do processo em cada oração. São os elementos que levam à ocorrência do processo e, também, os afetados por ele. O Quadro 2 sintetiza a relação de cada participante ao processo na oração.

As circunstâncias são o terceiro elemento compositivo do ST. Para Butt *et al.* (2001, p. 64), as circunstâncias são responsáveis por “iluminar” os processos

de alguma forma, podendo, entre outras coisas, localizar o processo no tempo ou no espaço, sugerir o modo como o processo se realiza, ou oferecer informações sobre a causa do processo. Na gramática tradicional, correspondem aos advérbios ou locuções adverbiais.

Faço coro às autoras Cunha e Souza (2007, p. 62) que destacam as circunstâncias como relevante no estudo do ST: “Uma análise do sistema de transitividade de um texto permite elucidar como os sentidos foram construídos, porque podemos descrever o que está sendo dito com um determinado assunto e como as mudanças na construção do significado estão sendo realizadas”.

### 4. Metafunção Interpessoal

O ato de comunicar implica em alguém que fala/escreve e um receptor que ouve/lê. A Metafunção Interpessoal representa os significados sobre nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas. Parte da variável de contexto de situação Relações e gira em torno do significado a partir de escolhas nos sistemas de Modo (papéis que os participantes de uma interação representam e atribuem ao seu interlocutor) e Modalidade (posição do falante a respeito de sua mensagem e de sua relação com seu interlocutor).

Na Metafunção Interpessoal, temos dois elementos: o *Mood* (Sujeito e Finito) e o Resíduo. O ato da fala é uma permuta, uma troca. É usada para: dar ou pedir informações; neste caso, tem uma “proposição”. Ou dar ou solicitar bens e serviços; tem-se aqui uma “proposta”. O Quadro 3 esquematiza as funções da fala em razão das interações e das possíveis reações do receptor.

Na gramática tradicional, o Sujeito é o elemento no qual se diz algo. Para a LSF, o Sujeito é o elemento no Modo que carrega o significado interpessoal da linguagem. Thompson (2004, p. 53) explica da seguinte forma o sujeito:

O Sujeito é a entidade [...] na qual o falante quer fazer responsável pela validade da proposição sendo avançada na

Quadro 2. Processos e Participantes

Processos	Participantes	
	Obrigatórios	Opcionais
Material	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional Atributivo	Portador e Atributivo /	-
Relacional Identificador	Característica e Valor	-
Verbal	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existente	-
Comportamental	Comportante	<i>Behaviour</i>

Fonte: Cunha e Souza (2007, p. 60, adaptado para este artigo)

Quadro 3. Funções da fala e reações

		Iniciação	Reações	
			Resposta esperada (apoio)	Resposta alternativa (confronto)
Proposta	Bens e serviços	Oferta Você quer esse bule?	Aceitação Sim, por favor.	Rejeição Não, obrigada.
		Comando/Ordem Me dá aquele bule!	Realização Aqui está./É pra já.	Recusa Eu não./Não farei isso./Esqueça.
Proposição	Informação	Declaração Ele está dando o bule a ela.	Reconhecimento/Comprensão Ah, sim./Hum/É ele?	Contradição Não é verdade./Não foi ele.
		Pergunta O que ele está dando a ela?	Resposta Ele lhe deu um bule.	Desconsideração Não sei.  Desaprovação Por que me pergunta isso?

Fonte: Halliday e Matthiessen (2014, p. 137, com adaptações)

oração. Isso é, a reclamação que o falante está fazendo é válida para essa entidade. O ouvinte pode então aceitar, rejeitar, questionar ou qualificar a validade repetindo ou emendando o Finito [...], mas o Sujeito deve permanecer o mesmo: se o Sujeito é alterado, a troca se mudou para uma nova proposição, o que representa uma nova reclamação. [...] a oração é “sobre” o Sujeito da perspectiva interpessoal (tradução nossa).

O Finito é parte do grupo verbal que expressa o tempo, a polaridade (sim ou não) e/ou a modalidade. A função do Finito é, portanto, questionar a validade da mensagem. Quanto ao Finito, Halliday e Matthiessen (2004, 2014, p. 144) o define da seguinte forma:

O elemento Finito, como diz o seu nome, tem a função de tornar finita a proposição. Isto é, ele a circunscreve; ele traz a proposição para a realidade, de modo que ela possa ser objeto de discussão. Um modo de tornar algo discutível é dar-lhe um ponto de referência no aqui e agora; e isso é o que o Finito faz. Ele liga a proposição ao seu contexto no evento da fala. Isto pode ser feito de dois modos. Um é pela referência ao tempo da fala; o outro, pela referência ao julgamento do falante (tradução nossa).

A polaridade é outra característica do Finito que é marcado no texto pelos extremos: sim ou não, positivo ou negativo, pode ou não pode, fez ou não fez, e assim por diante. Para Ghio e Fernández (2008, p. 111), “cada operador verbal finito tiene dos formas, una positiva: es, fue, está, tiene, puede, y una forma negativa: no es, no fue, no está, no tiene, no puede.”

Os graus intermediários existentes entre os polos positivo e negativo são conhecidos como Modalidade. Há dois tipos de Modalidade e eles estão relacionados aos tipos de função da fala: quando da troca de informação (Proposição), teremos uma Modalização; quando da troca de bens e serviços (Proposta), teremos uma Modulação. Portanto, é necessário identificar primeiramente de qual função estamos tratando para, então, classificar o tipo de Modalidade apresentada no texto. Cada tipo de Modalidade se subdivide em outras duas categorias: Probabilidade e Frequência na Modalização; e Obrigação e Inclinação na Modulação.

O Modo, formado por Sujeito e Finito, constitui assim a parte mais significativa nesta Metafunção. Mas há outros elementos que fazem parte da oração e são chamados por Resíduos, no Sistema de Modos. Compreendem o Predicador, o Complemento e os Adjuntos. Este último se subdivide em três tipos: Circunstancial, Conjuntivo e Modal (de Comentário e de Modo). Vale salientar que Thompson (2004, p. 65) considera o Adjunto Modal, em

uma análise Modo-Resíduo, como parte do Modo, pois carrega significado interpessoal, embora ele faça parte do Resíduo.

## 5. Metafunção Textual

A Metafunção Textual é realizada por decisões do falante com relação à construção da mensagem, com a distribuição da informação: Tema/Rema e Dado/Novo. Para Thompson (2004, p. 141), ver o texto sob a perspectiva da Metafunção Textual significa que

[...] estamos tentando ver como falantes constroem suas mensagens de forma que as tornem perfeitamente ajustadas/ adequadas ao desenrolar da língua (pode ser uma conversa, ou um artigo de jornal, por exemplo) [...] falantes/escritores organizam constantemente a forma como sua mensagem está redigida a fim de sinalizar como uma determinada parte da mensagem se encaixa com outras partes (tradução nossa).

Assim, a Metafunção Textual implica em recursos para apresentar no texto os significados interpessoal e ideacional como uma informação organizada para ser entendida entre falantes e ouvintes.

## 6. Aplicação da LSF nos dados

Alguns excertos a seguir foram retirados da minha pesquisa de mestrado que busca analisar as interações dos adolescentes nas redes sociais. Neste momento, tomo como *corpus* para esta análise apenas os relatos dos jovens que narram suas relações com a internet. Devo ressaltar que os nomes dos participantes foram substituídos para preservar o anonimato. A pesquisadora seguiu todas as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB e recebeu autorização para a pesquisa.

- (1) Eu e ela nos damos **muito** bem. (RuC, 13 anos)
- (2) Um não vive sem o outro. (RuC, 13 anos)
- (3) Ela possui um **belo** conteúdo. (RuC, 13 anos)
- (4) (...) [internet/ela] Me ajuda nos trabalhos. (ManSo, 14 anos)
- (5) [internet] Tira minhas dúvidas. (ManSo, 14 anos)
- (6) Eu me casei com ela. (JhoGa, 14 anos)
- (7) Todo relacionamento tem suas brigas. (JhoGa, 14 anos)

Nos excertos acima, podemos notar uma presença mais representativa do processo material, cuja significação representa ações no mundo físico. Os Atores se alternam: ora EU, ora INTERNET. Os Processos Materiais dão vida à internet: “me casei com ela”, “nos damos bem” e, por vezes, a própria internet age no relato: “ajuda”, “possui”, “tem”.

Nos dados analisados neste artigo, o Processo Material apareceu constantemente. Essa frequência mostra a importância do agir/fazer algo nas narrativas dos jovens. Vemos a personificação da Internet nos Processos, bem como em alguns Atributos que a caracterizam. Em alguns exemplos do Processo Material o Ator é a própria Internet, uma materialização do espaço. A internet não é tratada como um “ambiente virtual”, mas como o próprio amigo do jovem que o ajuda, tira dúvidas; e em um relacionamento mais sério que leva ao “casamento”. É possível perceber também uma relação de cumplicidade: nós, eu e a internet, um/outro; onde o autor fala pelo espaço virtual. Vejamos outro excerto.

- (8) Internet... Ela acaba sendo uma vida né. Acho que eu não conseguiria (sic) viver sem a internet (sic). Além de me auxiliar nos trabalhos (Porque procurar em livros demoraria muito tempo) ainda tem as redes sociais, e tudo que você quiser saber sobre qualquer coisa, dez de (sic) uma receita até um país (sic) desconhecido ela vai te dizer. (Hera, 14 anos)

No enunciado: “ela acaba sendo uma vida” (excerto 21), Hera vivifica a internet ao mesmo tempo em que estabelece uma estreita ligação com a mesma: “acho que eu não conseguiria (sic) viver sem a internet (sic)”. Esse paradoxo de “vida” e “não (...) viver” demonstra a dependência de Hera. Os processos materiais (auxiliar) e verbal (dizer) em: “além de me auxiliar (processo material) nos trabalhos” e “ela vai te dizer (processo verbal)”, dão à internet, mais uma vez, a condição humana de agir e dizer. Vejamos outros casos.

- (9) Eu e a internet somos um amor radical, animal incondicional. (RaVa, 14 anos)  
(10) Minha relação com a internet é muito boa. (AnaLu, 14 anos)  
(11) Bom a minha relação com a internet é de muita intimidade. (LorMe, 14 anos)  
(12) [eu e a internet] Somos como alma gêmea. (RuC, 13 anos)  
(13) A minha relação com a internet é muito amor, carinho. (JhoGa, 14 anos)

Nos Processos Relacionais, o autor descreve sua relação com a internet. O que se destaca nestes processos são as relações criadas pelos atributos/identificador: “amor radical”, “intimidade”, “alma gêmea”, “amor, carinho”. Neste processo são estabelecidos contatos apaixonantes entre EU e a INTERNET. Os Atributos citados criam verdadeiros laços afetivos e muito estreitos. A internet é tratada como outro participante e não somente um meio de interação. Observemos o uso de

intensificadores junto aos atributos: muito/muita. Mais um realce à descrição desse relacionamento demonstra a importância do adolescente na relação com a internet.

- (14) Eu não me vejo sem ela [internet]. (RaVa, 14 anos)  
(15) Ela [internet] me entende. (AnaLu, 14 anos)

Os Processos Mentais encontrados nos excertos nos mostram dois aspectos curiosos. No primeiro, “eu não me vejo” a polaridade negativa apontada pelo autor estabelece uma relação de dependência, de “não vida” sem a internet. No segundo, a própria internet assume consciência no processo. É ela quem ENTENDE o eu. Nessa “nova” interação criada no espaço virtual, a internet é tratada como outro participante e não somente como meio de interação.

Em alguns casos aparecem os Processos Mentais onde é possível identificar por vez uma dependência “eu não vivo sem ela”, e em outro caso uma consciência da Internet: “ela me entende”. Em ambos os casos, a relação estabelecida entre o EU e a Internet é manifestada novamente como metaforização da Internet.

- (16) Ela [internet] diz tudo o que eu preciso saber. (ManSo, 14 anos)

O Dizente do Processo Verbal é novamente a Internet. Mais uma vez há a personificação da coisa. A internet se materializa em uma “pessoa” amiga onde o autor tem um relacionamento bom, pois a internet o entende, diz, ajuda.

Os intensificadores “muito” utilizados nos diversos excertos são associados às qualidades, como “boa”, e estabelecem uma ligação intensa e saudável entre o produtor e a internet: “afeto positivo”.

Foi constatado um caso de Processo Verbal e também relacionada a personificação da Internet: “ela diz”, neste caso o Processo Verbal “dizer” estabelece diálogo entre a Internet (Dizente) e o jovem (Receptor) em uma perspectiva nova de interação que reestrutura a identidade do adolescente. Vejamos mais um trecho.

- (17) A internet me atrai com varias (sic) coisas como tudo que agente (sic) precisa (sic) ou tem duvida a internet nos da (sic) resposta. Eu mecho (sic) o tempo todo na internet porque e pelo celular e praticamente o wi-fi fica ligado mais nem porisso (sic) eu fico 24 horas na internet. A importância da internet na minha VIDA, e que quando eu precisar (sic) fazer trabalho de escola eu não preciso (sic) sair de casa para ir na (sic) biblioteca pesquisar em livros apesar que e (sic) bom, mais com a evolução da tecnologia de hoje em dia pesquisa na internet fica muito mais fácil. (Tétis, 15 anos)



Nesse trecho, Tétis, assim como Heras, dá voz à internet: “a internet nos da(sic) resposta”, isto é, ela [internet] responde (processo verbal), interage com a jovem. A internet é o dizente desse enunciado. Essa personificação humaniza a relação homem x máquina (internet), tornando-a mais agradável e menos mecânica e assim, talvez, justifique essa presença mais constante, e vician-te, no dia-a-dia das pessoas.

A adolescente admite a presença da internet durante 24 horas em sua vida. Observa-se que novamente esse estreitamento da internet na vida do jovem, como parte relevante, talvez parte do corpo onde a descrição da importância da internet é intensificada pela palavra “VIDA” em letras destacadas no texto.

- (18) Em relação com a internet eu sou muito ligada a isto, muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet, ela me interferiu muito nos estudos porque eu deixava de fazer trabalhos, deveres para se ligar nela hoje em dia não estou muito, mas as (sic) vezes a internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo. (Héstia, 14 anos)

No excerto (18), ressaltem-se os processos mentais “interferiu”, “domina” e “vicia” que fazem da internet o experienciador consciente. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), “nas orações mentais, os participantes são tipicamente humanos”, ou seja, a função do experienciador “pode ser exercida por entidades inanimadas ou desprovida de consciência, desde que criadas pela mente humana”. Nesse caso, a própria internet detém a cognição do processo.

## Considerações finais

Pela Linguística Sistêmico-Funcional, pude observar a língua em uso. Os componentes funcionais permitiram estudar os textos e entender os contextos em que foram produzidos (metafunção ideacional), bem como entender como esses textos atuam nas relações interpessoais (metafunção interpessoal). A análise de textos através da Linguística Sistêmico-Funcional possibilita

uma reflexão mais assegurada das manifestações experienciais e interpessoais dos autores/falantes de uma língua. É possível notar as atuações discursivas do falante, as escolhas feitas por ele são reveladoras de seu mundo e como ele vê o outro, neste caso, a Internet.

Ao utilizar o Sistema da Transitividade somado à Metafunção Interpessoal para estas análises, é possível afirmar o quão é importante a relação do verbo nas construções linguísticas somada à observância da polaridade e alguns elementos da modalidade presentes nas orações. Tais recursos modais aproximam o jovem da internet ao tempo que repelem também os riscos de cair em “golpes”. O adolescente tenta mostrar em sua fala que tem domínio sobre a máquina/internet, que sabe reconhecer os males provocados pela exposição excessiva.

Através da análise da interioridade da linguagem, pode-se perceber que os adolescentes têm uma relação muito íntima com a internet e isso se comprova com as suas escolhas lexicais. O computador/máquina/internet tornou-se um amigo inseparável, íntimo. O distanciamento homem x máquina é praticamente inexistente entre o jovem e a internet. Nessa “nova” interação criada no espaço virtual, a internet é tratada como outro participante e não somente como meio de interação. Nas produções de textos dos adolescentes foi perceptível uma profusa inserção de afeto em suas falas, tanto para mostrar o envolvimento com a internet quanto à importância dela em sua vida.

Os excertos analisados apontam para uma relação muito estreita de amizade, permeada de afetividade entre o jovem e a internet. Através da gramática da experiência, foi possível identificar uma aproximação da internet/máquina. Esse estreitamento na relação humanizou a internet.

É preciso repensar o uso da internet na vida e na escola como democratização de conhecimento, mitigação da pobreza e inclusão social. O trabalho foi realizado em uma comunidade periférica de Brasília, e ainda diante da pobreza em torno da comunidade, os jovens tinham acesso à internet, quer seja na escola, em casa ou na *lan house*; quer seja roteando a internet de seus celulares. Cabe destacar que essa relação próxima com a internet, precisa ser melhor explorada em sala de aula por professores em uma reavaliação de sua prática pedagógica. ■

## Notas

- <sup>1</sup> The Subject is the entity [...] that the speaker wants to make responsible for the validity of the proposition being advanced in the clause. That is, the claim that the speaker is making is valid for that entity. The listener can then accept, reject, query or qualify the validity by repeating or amending the Finite [...], but the Subject must remain the same: if the Subject is altered the exchange has moved on to a new proposition, which represents a new claim.[...] the clause is ‘about’ the Subject from the interpersonal perspective.

<sup>2</sup> The Finite element, as its name implies, has the function of making the proposition finite. That is to say, it circumscribes it; it brings the proposition down to earth, so that it is something that can be argued about. A good way to make something arguable is to give it a point of reference in the here and now; and this is what the Finite does. It relates the proposition to its context in the speech event. This can be done in one of two ways. One is by reference to the time of speaking; the other is by reference to the judgement of the speaker.

<sup>3</sup> [...] we are trying to see how speakers construct their messages in a way which makes them fit smoothly into the unfolding language (which may be a conversation, or a newspaper article, for example) [...] speakers constantly organize the way their message is worded in order to signal to them how the present part of their message fits in with other parts.

## Referências bibliográficas

BARBARA, L.; MACEDO, C. M. M. D. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009.

BUTT, D. et al. **Using functional Grammar: an explorer's guide**. Sidney: National Centre for English Language Teaching and Research Macquarie University, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. v. 1.

CUNHA, M. A. F. D.; SOUZA, M. M. D. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática SF em LP**. Santa Maria: UFSM, 2010.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Manual de Lingüística Sistêmico Funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R.Hasan** Aplicaciones a la lengua española. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2008.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1989.

\_\_\_\_\_. **Introduction to functional grammar**. 2<sup>nd</sup>. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Funcional Grammar**. 3rd. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4<sup>th</sup> ed. Oxon: Routledge, 2014.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2<sup>nd</sup> ed. London: Arnold, 2004.